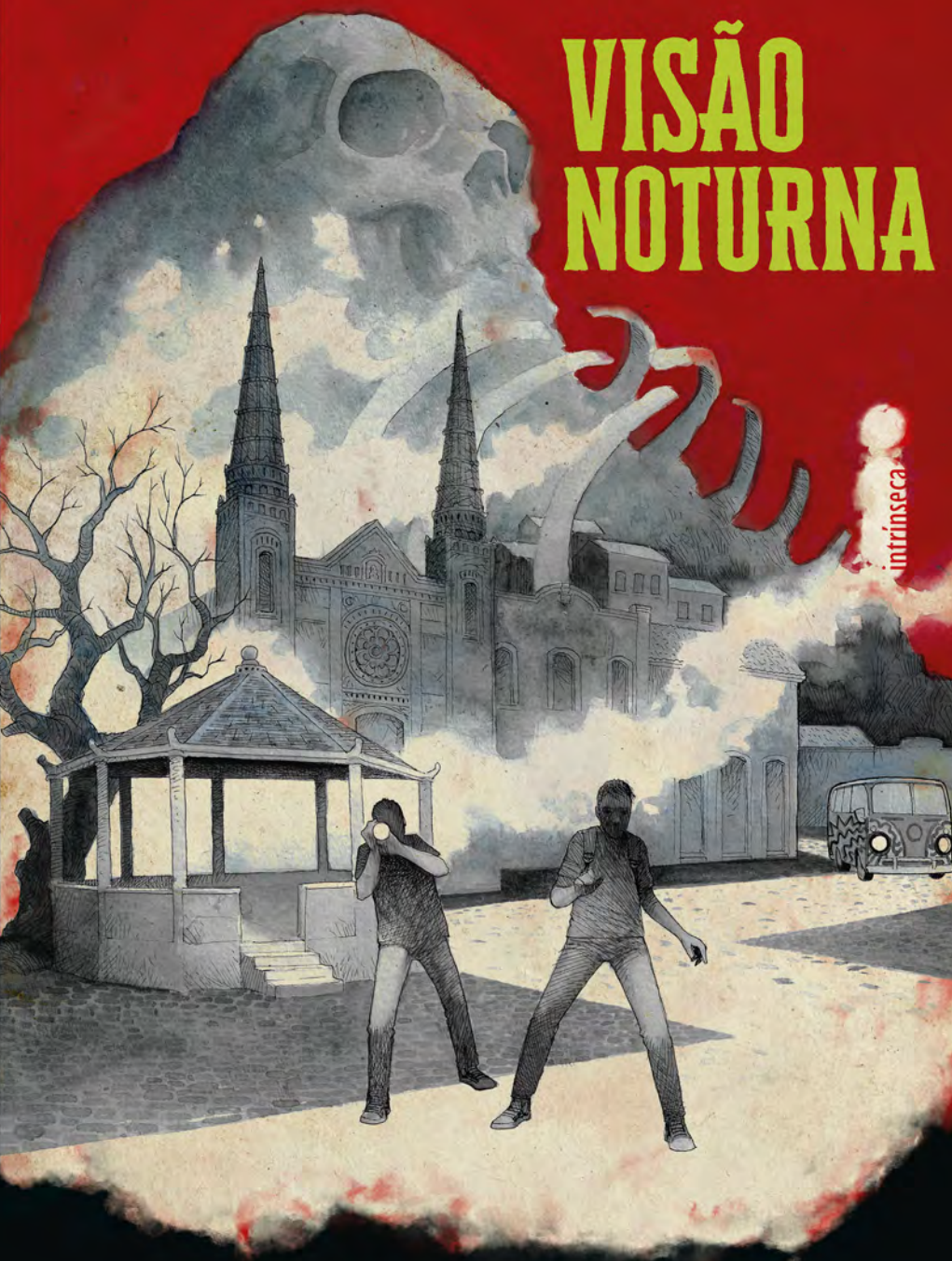


# VISÃO NOTURNA



intrínseca

# FRANKLIN TEIXEIRA



**VISÃO  
NOTURNA**



# VISÃO

**FRANKLIN  
TEIXEIRA**



# NOTURNA

  
intrinseca

Copyright © 2023 Franklin Teixeira  
Publicado mediante acordo com Roman Lit.

EDIÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

PROJETO GRÁFICO E IMAGENS DE MIOLO

Antonio Rhoden

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Shiko

DESIGN DE CAPA

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

T266v

Teixeira, Franklin

Visão Noturna / Franklin Teixeira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

272 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5560-637-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

23-85110

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





# CAPÍTULO I

ESCURIDÃO E NEBLINA são uma combinação terrível. Principalmente ao subir uma serra dirigindo uma Kombi antiga. A visibilidade era tão baixa que só dava para enxergar o asfalto na frente, que os faróis iluminavam com precariedade. A cada inclinação mais acentuada a lataria chacoalhava, como se quisesse transmitir uma mensagem em código morse.

Falei para Yuri que não era boa ideia viajar de noite, mas agora não tinha mais volta. Enquanto eu me virava ao volante, ele dormia no banco do carona. Seu rosto, que geralmente exibía uma atenção magnética, estava suavizado, desligado para recuperar a energia. A respiração lenta, a boca entreaberta...

Eu precisava focar na estrada. Minha carteira de habilitação era do ano passado, e as décadas de experiência da Kombi mais atrapalhavam que ajudavam.

Em condições normais a rodovia Rio-Teresópolis já era complicada. Numa noite assim nem dava para ver o pico do Dedo de Deus, a formação rochosa com mais de mil metros que parecia um dedo apontando para o céu. Imaginei a mão gigantesca ganhando vida no breu, arrancado árvores e destruindo a serra. Apesar do dedo divino e da subida entre as nuvens, eu estava bem longe do paraíso. Mesmo para o horário, a estrada estava estranhamente vazia, com poucos carros descendo e quase nenhum subindo. Às vezes, quando os faróis de outro

veículo se aproximavam no sentido oposto, eu deixava de ter vinte anos e voltava a ser criança. Quando eu era pequeno, suspeitava que os faróis dos outros carros fossem os olhos brilhantes de alguma criatura. Encarava a estrada do banco de trás, imaginando um bicho diferente para cada veículo. Enxergava lobos enormes ou touros gigantescos se aproximando, mas que se disfarçavam de automóvel ao se darem conta de que eu já tinha captado sua verdadeira essência no escuro.

Isso continuava até minha cabeça me levar para um lugar mais profundo, além da minha compreensão infantil. No limbo entre a realidade e a fantasia, o medo era palpável, o que me levava a cair num sono perturbado. Eu ficava tão aterrorizado quando isso acontecia que passei a prender a respiração, para evitar dormir sem querer. Claro que não funcionava, e minhas angústias de criança seguiam embaladas pelos rugidos dos monstros — pelo menos até o outro carro se aproximar o suficiente para desfazer a ilusão.

Na vida adulta os faróis continuavam me encarando na escuridão. Quem sabe um dia eu conseguisse flagrar uma entidade inexplicável antes que ela tivesse tempo de se mascarar com o mundano.

Pisquei algumas vezes e segurei o volante com firmeza.

Estava ficando com sono.

Talvez não conseguíssemos chegar a Itacira sem fazer paradas. De Nova Iguaçu à região serrana nem era tanto chão assim, o problema foi começarmos o trajeto bem mais tarde do que eu gostaria. Nicolas estava à nossa espera, mas não conseguiríamos começar a trabalhar já nessa noite.

Se estivesse acordado, Yuri diria que não tínhamos tempo a perder. O Visão Noturna tinha que ser a nossa prioridade, e eu concordava — o canal era nosso, afinal. Só que, para criar conteúdo com as lendas urbanas de Itacira, eu tinha que evitar que virássemos mais um mistério na estrada. Em meio à névoa e ao sono que me envolvia, a possibilidade de perder o controle da direção era real.



Bastaria eu fechar os olhos numa curva mais sinuosa. A Kombi deslizaria até o asfalto desaparecer debaixo dos pneus, atravessando a cerca de proteção da estrada com um estrondo trágico. Yuri acordaria sem tempo de entender o que estava prestes a lhe acontecer, pois já estaríamos atingindo a montanha com um barulho maior ainda, metal se misturando com carne, ossos e rochaafiada. Membros deslocados ou arrancados, vidro rasgando pele, a Serra dos Órgãos quase se tornando algo literal.

Yuri acordou, me tirando do meu devaneio mórbido. Soltei o ar e relaxei os ombros.

— Theo, você viu meus óculos? — perguntou, passando a mão no rosto e nos bolsos do casaco.

— Estão no porta-luvas — respondi, bocejando.

Yuri pegou os óculos e colocou no rosto sonolento.

— Quer que eu dirija? — ofereceu ele.

— Não, eu quero chegar vivo.

Ele fez um muxoxo, mas não insistiu.

— Só queria um café agora — acrescentei.

— Você ainda vai morrer de tanto tomar café.

— Melhor do que morrer dormindo ao volante.

Yuri balançou a cabeça, sorrindo. Puxou o celular do bolso do casaco e perguntou:

— Aí, você me mandou a lista completa?

— Acho que mandei. Não?

— Não encontrei.

— Está no e-mail do canal.

— Achei — disse ele, depois de deslizar o dedo por alguns instantes na tela do celular. — *LU Itacira?*

— Lendas Urbanas de Itacira. Pode ser o nome da série, se não pensarmos em nada melhor.

Sugeri aquele título simples de propósito, sabendo que Yuri ia reclamar. Dito e feito.

— Ah, não! Nada disso! Tem que ser alguma coisa mais criativa.

— Mas esse chama a atenção — afirmei, mais por hábito do que por discordar de verdade.

— Daqui a pouco você vai dizer que nós temos que aparecer fazendo cara de assustados no *thumbnail* do vídeo.

É claro que eu não ia sugerir isso, mas achei melhor ficar quieto. Gostava de discutir com Yuri por esporte, mas a realidade é que estávamos cansados demais para aquilo.

— Esses são todos os casos que o Nicolas conhece? — perguntou Yuri.

— Mais ou menos. Essa é a lista das histórias que ele me deu certeza de que conseguiríamos juntar conteúdo e criar uma narrativa a partir delas. Fazer entrevistas, filmagens nos locais, o esquema de sempre. Ele avisou que tem outras coisas estranhas por lá, se precisarmos de mais.

— Que cidadezinha zoadada, hein?

— O lugar parece bem legal, na verdade — falei.

— Não me entenda mal, estou achando ótimo.

Yuri nem precisava explicar. Sua empolgação era visível. Eu compartilhava da sua curiosidade pelo bizarro, mas às vezes curtíamos aquilo um pouco *demais*.

— Pelas fotos da cidade, nem dá para imaginar que tem tanto caso estranho por lá — comentei.

— Pois é, e não encontrei quase nada sobre essas histórias que o Nicolas mencionou.

— Você acha que é só zoação dele?

— Como assim?

— Será que ele inventou tudo isso?

— Não acho que seja zoação dele, não. Se for, ele é um ótimo ator e está levando a brincadeira bem a sério. Acho que ele não se ofereceria para hospedar dois estranhos por conta de uma pegadinha. De qualquer forma, daria um bom vídeo se fosse mentira, e nós ainda sairíamos ganhando.

— Verdade — concordou Yuri.

Ele ficou em silêncio, digitando no celular. Percebi que estava respondendo mensagens dos nossos fãs mais fervorosos. Sua

expressão alternava entre “muito séria, avaliando as reações” e “leve sorriso, esse comentário foi realmente engraçado”.

O Visão Noturna era um canal focado em mistério e terror. Os vídeos que publicávamos abrangiam tanto ficção quanto casos reais. A maior parte do conteúdo se tratava de análises de filmes, streaming de jogos e discussões sobre livros e quadri-nhos, todos na temática do canal.

Os mais populares eram os documentais. Com o melhor que a investigação amadora tinha a oferecer, explorávamos acontecimentos insólitos na região fluminense. Além de render muitas visualizações, os documentários também davam mais trabalho: o assunto precisava gerar material suficiente, e o ideal era mergulhar a fundo no local do caso que escolhêssemos investigar.

Aquela lista de lendas urbanas foi o que nos levou a cruzar os cem quilômetros que separavam Nova Iguaçu de Itacira, com o objetivo de gravar o documentário mais elaborado que já tínhamos produzido até então.

Olhei pela janela do lado de Yuri, que dava para o horizonte escuro. Naquele exato instante deviam estar ocorrendo dezenas de mortes — talvez centenas, considerando que do outro lado estava o Rio de Janeiro. Cada número frio nas estatísticas é um mistério em particular. Eventos microscópicos de um ponto de vista cósmico, mas impactantes para quem está perto.

Yuri virou o celular na minha direção de repente. A tela mostrava as visualizações de um dos vídeos do nosso canal.

— Nossa análise de *Silent Hill 2* tá bombando demais. Nunca imaginei que ia chegar a esse ponto. Obrigado, Dudinha.

Yuri ergueu as mãos como se agradecesse a alguém nas alturas.

Dudinha era uma garota de São Paulo, dona de um canal bem popular, que tinha mencionado o nosso vídeo de *Silent Hill 2*. Aparentemente ela era fã da franquia de jogos e gostou dos nossos comentários.

— Quem diria que seríamos promovidos de graça num canal sobre futebol — brinquei.

— É aquilo que eu sempre falo para você, Theo: não dá para subestimar a força do conteúdo.

*A força do conteúdo.* Soava bobo, mas Yuri tinha razão. Elaborar conteúdo e colocar com frequência na internet era a grande sacada. Era o que separava quem *quer fazer* de quem *faz*.

E foi graças à força do conteúdo que a gente se conheceu.

— O pessoal continua curioso com o meu post sobre a viagem — disse Yuri. — Adoraram essa última foto também. Podíamos fazer um teaser antes do primeiro episódio, hein?

— Pode ser. A gente edita algo quando tiver algum material.

— Vamos filmar o Nicolas assim que der. Ele é bonito.

Revirei os olhos. Yuri reparou e disse:

— O que quero dizer é que o rosto dele vai render muitas visualizações, então temos que aproveitar. — Após uma pausa, acrescentou: — Mas eu pegava, com certeza.

— Sossega, Yuri. É trabalho.

— Ah, não fica assim. Eu tô brincando. Você é minha prioridade, relaxa.

Dei uma risada involuntária. Quase insisti no assunto para destrinchar o que ele queria dizer com “prioridade”, mas eu sabia que estava falando do canal. Trabalho. Amizade.

A lataria inteira tremeu de novo, feito um carro alegórico na pista cinza. Do lado de fora, o frio parecia ter aumentado. Yuri bocejou, soltando vapor pela boca.

— Pode dormir mais um pouco — falei. — Se precisar, eu te acordo.

— Tranquilo. Tô legal.

Apesar do que disse, Yuri voltou a cair num sono profundo em poucos minutos. Ele tinha passado as últimas noites editando vídeos num ritmo frenético para adiantar o trabalho que deixaríamos de fazer durante a viagem. Naquele meio-tempo resolvi os pormenores da nossa estadia em Itacira. Comparado a ele, eu tinha feito pouco.

O pior é que já fazia algum tempo que eu trabalhava menos que Yuri. Quando abordávamos algum jogo de terror, eu só

participava jogando ou fazendo comentários, e era ele quem ficava encarregado de editar tudo depois. Separar as partes mais engraçadas, colocar efeitos divertidos, criar as imagens de divulgação. Também era ele quem mais interagiu com os fãs do Visão Noturna.

Era melhor abaixar um pouco a música para não atrapalhar seu sono. Procurei a caixa de som que tinha levado. Como o rádio da Kombi só aceitava fita cassete, bluetooth era o único jeito de ouvir minhas playlists decentemente durante a viagem. Antes de conseguir alcançar o botão do volume, ouvi um estalo.

Primeiro, achei que algum galho ou animal tivesse caído de uma árvore e batido na parte de trás. Não deu tempo nem de desacelerar para estacionar e verificar, porque o carro morreu no meio da rodovia.

Os faróis ainda funcionavam e eram a única fonte de luz na neblina carregada. Desliguei a caixa de som, mas o celular continuou tocando música, que passou a sair direto dos alto-falantes do aparelho.

— Yuri — chamei, mesmo sabendo que não havia a menor chance de ele acordar. Se o estalo de antes não tinha feito o serviço, não seria a minha voz hesitante que ia conseguir.

Não havia nenhum carro avançando pela estrada. Absolutamente nada ali além de nós dois. Estiquei a mão para abrir a porta e sair para averiguar o que tinha acontecido. Quando encostei na maçaneta, parei imediatamente. Não conseguia me mexer.

A sensação era de que abrir aquela porta me deixaria vulnerável. Tudo aquilo lá fora, tudo aquilo que eu não conseguia enxergar, poderia me alcançar com facilidade no momento em que colocasse os pés para fora da Kombi e tivesse que lidar com o invisível que espreitava na neblina.

— Yuri — chamei de novo, dessa vez cutucando seu braço.

Precisei sacudi-lo algumas vezes até ele abrir os olhos. Yuri se voltou para mim. Tinha esquecido de tirar os óculos, que estavam tortos no rosto.

— Chegamos?

— Aconteceu alguma coisa com o motor.

Yuri se ajeitou no banco e ergueu os óculos.

— Onde a gente está?

— Não sei. Na estrada ainda.

Girei a chave na ignição, e o motor tossiu feito um doente em estado terminal.

Pegamos nossos celulares, e as telas acenderam ao mesmo tempo. Onze e vinte da noite. Yuri olhou pela janela e disse:

— Vamos empurrar para o acostamento.

Ele abriu a porta e saiu sem cerimônia, desfazendo o encanto que parecia me prender ao banco. Abri a minha porta e fiz o mesmo.

Do lado de fora, Yuri começou a empurrar o carro. Eu me enganchei no lado do motorista, girando o volante com dificuldade pela porta aberta.

— Tá escuro pra cacete — comentou ele, ofegando quando terminamos de sair do meio da estrada.

— Frio pra cacete também.

Comecei a suar, o que me deixou com mais frio ainda. Abri a tampa do motor, usando o celular para iluminar.

— E aí? — perguntou Yuri depois de observarmos a peça por alguns segundos. — O que houve com a Rita?

Antes de ser minha, a Kombi foi do meu avô. Mais especificamente quando ele e minha avó eram dois hippies aventureiros, na década de 1960. O veículo inteiro era tomado pelas cores do arco-íris, com pétalas de margarida pintadas ao redor dos faróis e um grande símbolo da paz sobre o logotipo da Volkswagen na frente. Quando descobrimos que minha avó batizou a Kombi de “Rita Lee” depois de um show dos Mutantes, nunca mais paramos de chamá-la assim.

Yuri olhava do carro para mim, esperando que eu comesse a explicar qual era o defeito. Estudei o motor com seriedade. Apontei para um lado, depois para o outro. Enfim, abri a boca e falei:

— Não faço a mínima ideia.

Yuri gargalhou com a minha resposta, e eu o acompanhei, aliviado por ter meu melhor amigo ali para reduzir a tensão. Não sabíamos como resolver o defeito, mas pelo menos não sabíamos juntos.

— O que a gente faz agora? — perguntou Yuri, ainda rindo. — Ah, espera! Vou ver o número daquele lance de atendimento ao usuário da rodovia — disse, pegando o celular no bolso e fechando a cara ao conferir a tela. — Sem sinal? Sério?

— Acontece direto na serra. Você baixou o mapa, não baixou? Vê se o GPS funciona.

A imagem baixada carregou no aplicativo de mapa. A bolinha azul que indicava nossa localização nos posicionava num ponto inconspícuo da subida, que continuava seguindo em curvas, montanha acima. Yuri reduziu o mapa na tela, e Itacira apareceu na parte superior.

— Estamos perto — comentei.

Ele se virou para mim com um olhar incrédulo.

— Cara... isso não é perto. De jeito nenhum rola de ir a pé.

Infelizmente ele tinha razão. Ainda estávamos a uns quatro quilômetros da cidade, o que, de acordo com a rota, levaria pelo menos uma hora a pé. Sem contar que a rodovia ainda passava por um túnel.

Yuri continuou mexendo no aplicativo, afastando e aproximando o mapa para estudar os arredores. Eu acompanhava do lado dele, tentando não pensar no breu que nos cercava. Após um movimento dos dedos de Yuri, notei uma estrada que saía da pista principal, um pouco à frente de onde a Kombi tinha enguiçado.

— Se liga — falei, apontando para a tela.

Yuri deslizou o mapa pelo caminho, que continuava por pouco mais de um quilômetro até mostrar um casarão.

— Hotel Quinta da Barra. — Li o nome do lugar no mapa em tom de celebração. — Tem um hotel aqui perto!

— Perto? Fica a quase um quilômetro daqui.



— São só uns dez minutos a pé, Yuri. A gente chama um reboque de lá. Por mim até passamos a noite, já está tarde demais.

— Sei não...

A expressão dele não era das melhores, mas era óbvio que não dava para ficar ali. Não havia beicinho que mudasse esse fato.

— Também podemos ficar zanzando aqui no frio e no escuro até o celular ter sinal... — sugeriu, sem muita convicção. — Ou dormir dentro da Rita Lee.

Ficamos em silêncio, cada um olhando para um lado. Não tinha passado um único veículo desde que a Kombi pifara, e eu achava muito difícil que alguém fosse parar para ajudar dois jovens no meio do nada. Eu também não pararia. De repente me senti mais vulnerável que o normal. Éramos só dois caras de vinte anos com uma pilha de eletrônicos caros numa Kombi velha e colorida.

Yuri enfim concordou, talvez pensando o mesmo que eu: quem quer que parasse ali poderia estar interessado em coisas que não estávamos dispostos a oferecer. Pegamos as mochilas e as bolsas com as câmeras no banco de trás, escondendo os tripés debaixo de uma lona. Tranquei a Kombi e começamos a caminhar pelo acostamento.

— Até logo, Rita Lee — disse Yuri, olhando para trás e levantando a gola do casaco para proteger o rosto do frio.

Andamos alguns metros no escuro até chegar ao acesso que nos levaria ao hotel. Deixamos a firmeza do asfalto, e o atrito com o cascalho sob meus pés irradiou por todo o meu corpo. O som preencheu o espaço, criando uma trilha sonora para a escuridão. Soava como um bicho mastigando sua presa, o estalo seco de um esqueleto misturado aos ruídos de um predador satisfeito. A mesma criatura invisível que eu imaginava se aproximando.

— Melhor ligarmos para o hotel — sugeriu Yuri, pegando o celular para só então confirmar que continuava sem sinal.

Ele resmungou e guardou o aparelho de volta no bolso.

— Espero que esse lugar exista — falei.

Apertamos o passo. Não havia estrela ou lua visível no céu nublado, e a cerração da noite era quase tangível. Ali ventava menos que na rodovia, mas a temperatura estava ainda mais baixa. O bater de dentes de Yuri harmonizava com o farfalhar do mato e o barulho de nossos tênis tocando o cascalho.

— Podia passar um carro — disse Yuri, a voz abafada.

Com uma das mãos, ele carregava com dificuldade a bolsa pesada, e com a outra continuava sustentando a gola do casaco. Naquela posição, a tatuagem de arame farpado nas costas da mão direita parecia um sorriso.

— Vamos tirar uma selfie, por favor — sugeriu ele. — Não vai dar para postar agora, mas precisamos registrar esse momento infeliz.

Yuri usou a luz do meu celular para iluminar nossos rostos por baixo e fez cara de assustado. Nem precisei fazer uma careta, pois minha expressão já era de sofrimento: uma mistura de sono, fome e frio.

— Ficou horrível, adorei — disse ele, voltando a andar enquanto analisava a foto na tela.

Se andássemos com os corpos colados um ao outro, talvez ficássemos um pouco mais aquecidos. Até poucas semanas atrás, eu não veria o menor problema nisso, sabendo que Yuri me puxaria para perto e me abraçaria. Mas essa época tinha chegado ao fim. Quer dizer, Yuri ainda me abraçaria com vontade se eu desse abertura. Só que aquilo passou a ser algo que eu precisava evitar.

Como se em resposta aos meus pensamentos, ele disse:

— Acho que nossos fãs adorariam uma morte desse tipo, dois jovens congelados de frio, tentando se aquecer colados um ao outro.

— Sem dúvida — respondi, e meu rosto só não esquentou mais por causa da temperatura baixa. — E a gente ainda morre dando uns beijos.

Brincadeiras daquele teor começaram gradualmente, acompanhando a reação dos fãs. Uma piadinha em um vídeo, outra em uma foto, até que acabou virando algo que simplesmente fazíamos. E como o público gostava de nos ver como um casal, o ship Theo e Yuri se tornou um dos grandes responsáveis pelo sucesso do canal em alguns nichos. Não foi nossa intenção, mas aconteceu.

Yuri via toda essa proximidade física como algo normal, uma forma de entretenimento. Isso estava claro desde que nos conhecemos, e por muito tempo não me incomodou.

O problema é que eu realmente estava me apaixonando por ele.

## CAPÍTULO 2

YURI ANDAVA NA FRENTE, apontando a lanterna do celular para o chão e me avisando caso qualquer buraco surgisse pelo caminho. Eu não parava de verificar o telefone para ver se tinha sinal, e a única coisa que me tranquilizava era estarmos mais perto do hotel que do ponto em que havíamos deixado a Kombi.

Após uma curva fechada, a estrada deu em um campo aberto, e finalmente foi possível enxergar o vulto de um casarão. Pelas poucas luzes acesas, dava para ver que tinha dois andares. A iluminação pobre passava a impressão de que o hotel flutuava no horizonte, prestes a se dissolver na escuridão.

Parecíamos náufragos guiados pela luz de um farol, ansiosos ao finalmente avistar terra firme. Yuri começou a andar mais rápido e, depois, a correr. Fiz o mesmo. Passamos por uma porteira aberta, seguindo por um trecho de paralelepípedos que ia direto até a entrada da construção.

Ao entrar na recepção, percebi que mal tinha respirado no trecho final do caminho. Inspirei o ar com força, as pernas tremendo.

— Mas que porcaria de frio é esse? — reclamou Yuri, também sem fôlego, largando a bolsa no chão. — Tenho que comprar outro casaco. E luvas. Uma touca. Talvez uma máscara.

Precisava concordar: para mim vinte graus já era frio, e ali devia estar vários números abaixo disso. Aquele clima de serra era congelante.

Examinei a recepção enquanto Yuri soprava as mãos para tentar aquecê-las um pouco. Era um salão amplo, com sofás de couro e móveis de madeira maciça. À nossa esquerda havia uma escrivaninha com panfletos variados, um telefone fixo antigo e um computador ligado num monitor velho e amarelado. Uma coruja empalhada vigiava o material disposto na mesa.

Não havia ninguém ali. Aquela recepção era quase tão sinistra quanto a mata do lado de fora.

— Olá? — arrisquei, me aproximando da mesa.

Minha mão pairou acima da campainha, hesitando. Parecia haver algo de criminoso em quebrar o silêncio da noite com um som tão agudo e metálico. Yuri pousou a mão sobre a minha e a empurrou para baixo, fazendo a campainha ressoar numa altura impressionante. O tom perfurante preencheu o ambiente, perdurando vários segundos até cessar. Logo depois ouvimos um pigarreio e nos viramos. Numa poltrona de espaldar alto, uma mão se ergueu e uma pessoa se levantou. Um rapaz, vestindo um paletó violeta e um quepe branco, veio em nossa direção. As roupas passavam uma aura de glória decadente, puídas e manchadas.

— Boa noite — disse o rapaz, com um sorriso forçado.

Sua pele era branca e muito lisa, o que dava ao seu rosto um ar de manequim.

— Oi — cumprimentei. — Nós queríamos um quarto para passar a noite.

— Um momento, por favor.

O rapaz se sentou à mesa e mexeu num mouse, fazendo a tela do computador acender lentamente.

Depois de selecionar um espaço numa planilha, disse:

— Temos um quarto de casal disponível no segundo andar.

— Por mim, tudo bem — disse Yuri.

— Um quarto com camas separadas, por favor — pedi.

O recepcionista manteve o olhar fixo em nós dois, depois voltou a atenção para o monitor.

— Como quiserem. — Ele voltou a sorrir. — Temos um quarto com duas camas, também no segundo andar, mas se mudarem de ideia é só falar comigo.

Depois de registrar nossa entrada, o recepcionista sorridente se levantou e parou ao nosso lado.

— Eu levo vocês. Normalmente temos outros funcionários para ajudar, mas a essa hora estou praticamente sozinho.

— Tem mais uma coisa — falei. — O nosso carro enguiçou na rodovia. Será que tem como pedir um reboque? É uma Kombi.

O recepcionista estalou os dedos.

— Nosso zelador entende de mecânica. Vou chamá-lo para socorrê-los assim que vocês estiverem instalados no quarto.

Desconfiei da conveniência daquilo, mas, quando olhei para Yuri, ele apenas deu de ombros, como quem diz “a cavalo dado não se olha os dentes”.

Procurei um crachá que indicasse o nome do recepcionista, mas não havia nada do tipo no uniforme. Ele nos levou até uma escadaria na sala ao lado da recepção.

— Vocês têm mais alguma bagagem?

— Não, só essas bolsas mesmo — respondi, seguindo-o pela escada.

O homem andava tão apumado que me deixava ciente da minha própria postura. Era difícil manter as costas retas enquanto lutava com o peso da mochila.

— Que mal lhe pergunte, mas vocês estavam a caminho de onde? — indagou o funcionário.

— Itacira. A ideia era ir direto para a casa de um amigo. Como a Kombi enguiçou, achamos melhor passar a noite aqui.

— Ah! Itacira. Sim, sim. Temos panfletos de lá com boas opções para turistas, caso tenham interesse.

— Temos, sim — disse Yuri. — Viemos fazer uma pesquisa.

— Ah, é mesmo? Que tipo de pesquisa?

— Sobre a história da cidade — respondi, balançado discretamente a mão para Yuri, pedindo que ele não entrasse em detalhes.

Yuri costumava aproveitar qualquer oportunidade para divulgar o Visão Noturna, mas o jeitão antiquado do recepcionista me dizia que seria difícil fazê-lo entender o teor do nosso trabalho.

Uma das lâmpadas do segundo andar piscou alucinada quando o recepcionista acendeu as luzes do corredor. Em seguida, ele abriu a porta do quarto e entregou a chave a Yuri.

— Se precisarem de algo, é só usar o telefone do quarto. Vou descer para procurar o zelador. Entro em contato com vocês em seguida.

Depois que ele partiu, deixei a mochila no chão e coloquei meu celular para carregar. Yuri desabou na cama perto da janela, também conectando o celular numa tomada. Ficamos deitados imóveis por alguns minutos enquanto nossos corpos tentavam se adaptar à temperatura do quarto. Fechei os olhos e mergulhei no silêncio. Estava quase desmaiando de sono quando Yuri falou:

— Vou avisar ao Nicolas que não vamos chegar hoje.

— Deixa que eu aviso — respondi, pegando o celular sem abrir os olhos.

Enquanto digitava a explicação do nosso atraso — o celular tinha recuperado um ponto de sinal quando chegamos ao hotel —, o telefone que ficava entre as duas camas começou a tocar. O aparelho tocou três vezes, mas nenhum de nós dois parecia disposto a se mexer para atender. Dei um chute de leve na cama de Yuri, que finalmente rolou e tirou o fone do gancho.

— O tal do zelador está acordado — explicou ele depois de ouvir o recado do outro lado da linha. — Ele tem um guincho e pode ir buscar a Rita Lee agora mesmo.

— Vamos, então — falei, bocejando e juntando forças para me levantar.

— Deixa que eu vou — disse Yuri.

— Sério? É melhor eu ir também.

— Você tá um caco, Theo! Eu dormi no caminho e você veio dirigindo. Nada mais justo. — Yuri se levantou da cama,



pegando a carteira e o celular na mochila, e acrescentou: — Basta que um sofra, e é melhor você se deitar e descansar para as entrevistas.

Ainda não achava aquilo exatamente justo com ele, considerando que o carro era meu. Entretanto, estava cansado demais para continuar argumentando.

— Bom, não vou insistir. — Atirei a chave da Kombi para Yuri. — Qualquer coisa me liga... Se tiver sinal.

No batente da porta, Yuri parou e disse, com um sorriso:

— Estamos nos separando. Se fosse um filme de terror, seria a coisa mais idiota do mundo.

Então saiu, rindo da própria observação. Aproveitei para tomar um banho. Minha camiseta parecia mais uma segunda pele, grudada no suor do meu corpo. Com o frio e a adrenalina da viagem, não percebi como estava exausto.

Fui para debaixo do chuveiro, onde a água quente fez meus músculos relaxarem de imediato. Infelizmente a minha cabeça não acompanhou o efeito. Não conseguia parar de pensar na cena clássica de *Psicose* em que um assassino (o recepcionista, talvez?) chega sem fazer ruído, com uma faca de açougueiro na mão. Eu tinha trancado a porta do banheiro? Fiquei olhando de relance enquanto me lavava.

Após o banho, vesti um moletom do Visão Noturna, parte da linha de produtos que Yuri criou. Tinha a estampa do Olho da Providência, o símbolo do nosso canal. Um olho no meio de um triângulo iluminado, o olhar divino que tudo vê. Aquele símbolo era uma das tatuagens nos braços de Yuri e acabou servindo de inspiração para a logo. Sempre que encarava o Olho da Providência, eu me sentia mais equilibrado, principalmente quando o via na tatuagem de Yuri. Para mim, aquela imagem nos conectava, mesmo que ela fosse especial para ele desde antes de nos conhecermos.

Pensei em descer até a recepção para esperá-lo. O problema é que não conseguia encontrar a chave do quarto em lugar nenhum. A fechadura da porta era antiga e só tínhamos uma

chave, que Yuri devia ter levado, o que significava que eu estava trancado ali.

Peguei o telefone fixo e digitei o ramal da recepção. Tocou seis vezes e caiu sem ninguém atender. Tentei mais duas vezes antes de desistir.

Olhei para a janela pela primeira vez desde que cheguei ao quarto. Lá estava a plantaçao de eucaliptos que cercava o imóvel. Altos e finos, um do lado do outro, similares a grades de uma cadeia. De dia seria ótimo passear pelos corredores formados por eles, uma maneira de estar na natureza sem receio de se perder. Mas, com a escuridão do outro lado da janela, tive a impressão de que eu não estava apenas trancado — estava *aprisionado*.

A porta de um lado, o arvoredo do outro. Se não fosse a lâmpada acesa no teto, o quarto seria engolido pelo breu. Era como viver dentro de uma bolha de realidade no meio do nada, e aquela luz fraca era o limite de tudo que existia. Um passo para longe e eu perderia meus contornos, apagado pela noite.

Meia-noite e meia. Era melhor deitar e dormir de vez. Foi por isso que fiquei no quarto, afinal.

Pouco depois de desligar a luz, uma fresta luminosa surgiu por baixo da porta. Supus que fosse Yuri já de volta e suspirei, aliviado. Um longo instante se passou sem qualquer indício de atividade no corredor. De repente ouvi um passo arrastado. Quando o som dos passos se aproximou o suficiente, bati de leve na porta.

— Oi? Você pode me ajudar? Estou trancado no quarto.

Os passos cessaram. Duas faixas de sombra cortavam a fresta luminosa que entrava por baixo da porta.

Meu coração disparou. Recuei, estranhando o silêncio. Quem estaria ali? Imaginei alguém erguendo um machado enorme, que atravessaria a madeira com um golpe certo no meu crânio. Bati na porta outra vez, me esforçando para falar sem gaguejar.

— Você poderia chamar alguém da recepção para me ajudar, por favor? Ninguém está atendendo o telefone lá embaixo.

Silêncio. Eu estava prestes a repetir o pedido quando vi a maçaneta girar devagar. Dei um salto quando ela girou com mais força.

A sombra que cortava o filete de luz sumiu. Ouvi a pessoa se afastar com o mesmo andar pesado de antes. Segundos depois, as lâmpadas do corredor se apagaram.

Eu me sentei na cama, sem desviar o olhar da porta, receoso com o que poderia acontecer. O que foi aquilo? Quem?

Em meio à dúvida e ao medo, adormeci de exaustão.

Desde pequeno, Theo é fascinado por filmes de terror, mas sabe que eles não são o suficiente para livrá-lo dos pesadelos intensos que o atormentam, imagens tão vívidas que se confundem com a realidade. Junto a Yuri, amigo com quem tem uma relação complicada e por quem nutre uma paixão secreta, ele encontra uma maneira de dar vazão a esse lado obscuro, e assim é criado o *Visão Noturna*, canal de internet dedicado a crimes reais e eventos misteriosos.

Após desvendarem a morte brutal de uma mulher no interior fluminense, os dois jovens precisam consolidar a súbita fama com um novo projeto. Por isso, a bordo da kombi Rita Lee, eles partem para a região serrana do Rio de Janeiro com o objetivo de filmar uma série documental em Itacira, cidade repleta de lendas urbanas e acontecimentos sinistros desde sua formação. Não demora muito para que Theo e Yuri entendam que os muitos mistérios que rondam a cidade não ficaram no passado, e que seus moradores podem esconder mais segredos do que estão dispostos a revelar.

Entre relatos de desaparecimentos, de assassinatos em série e de rituais macabros, Theo emprega sua intuição aguçada e seu discernimento para investigar o que se esconde por trás da fachada pacata do lugar. Percorrendo um labirinto de ruas, histórias e personagens, seus passos descortinam segredos há muito guardados, desafiam as dinâmicas de poder da cidade e prometem revelar verdades terríveis — inclusive aquelas que ele esconde de si mesmo.

*Visão Noturna* mescla suspense e romance em uma narrativa visceral sobre um jovem que, ao trilhar seu caminho, encontra no amor e na amizade os instrumentos para enfrentar um mundo cada vez mais perverso.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/visao-noturna/>